

CARTILHA DO POEMETO HAICU

O poemeto moderno mais antigo do mundo!

Para chegarmos ao haicu, precisamos primeiro conhecer o haikai.

Podemos dizer que o haikai, composto de estrofes de sons japoneses 5-7-5, 7-7; 5-7-5; 7-7; e assim por diante, é o poema do qual derivou diversos outros que foram tomando forma na era Edo (1600-1688).

Vejamos o que nos diz a Kodasha Enciclopedia of Japan, 1983:

Hokku, literalmente, quer dizer estrofe inicial, e era esse seu nome nos dias de Nosawa Bonshô (morto em 1714). O texto a seguir, do seu trabalho conjunto, é hoje incidentalmente haikai:

Cheira cidade
nas ruas, alamedas.
Luar – outono.

(sílabas gramaticais)

Cheiro da cidade
nas ruas, nas alamedas.
A lua de outono.

(sílabas poéticas)

Portanto, não era o hokku (estrofe inicial), hoje incidentalmente haikai, autônomo por si mesmo, mas o início de uma cadeia de estrofes conhecida como haikai no renga (haikai encadeado) ou simplesmente haikai, como também o chamavam.

A poética sugestão introduzida pelo hokku de Bonshô de 5-7-5 sons japoneses, segue o de Bashô (1644-1694), apoiando o encadeamento com a seguinte estrofe de dois versos 7-7 sons japoneses:

O dia muito quente
pelas portas se ouve.

(sílabas gramaticais)

Está quente! Muito quente!
vai-se ouvindo pelas portas.

(sílabas poéticas)

Portanto:

Haikai – Poema encadeado em que três poetas se alternavam em 5-7-5 7-7;

5-7-5 7-7; 5-7-5 7-7; que podiam ir de 36 a mil

estrofes!

Hokku – Estrofe inicial do haikai. Nesta o poeta estabelecia o matiz para o resto a encadear: situava a estação do ano em que se encontravam, em narrativa sempre abordando o momento. A partir de 1892, o hokku, então há tempos feito isolado, passou a chamar-se haicu.

A terceira ligação neste haikai, é novamente um verso de 5-7-5 sons japoneses, escrito por Mukai Kyorai (1651-1704), o quarto por Bonshô voltando a ser 7-7 sons japoneses e nessa ordem seguiram as suas 36 estrofes.

Assim, os três poetas articularam o haikai, começando com o hokku, alternando as seções de 5-7-5 e 7-7 sons japoneses numa extensa cadeia de associações poéticas.

Porque o hokku estabelecia o matiz para o resto a encadear, gozava uma privilegiada posição na poesia haikai, e não era incomum um poeta compor um hokku por si mesmo sem continuar com o resto do encadeamento, e também o chamava, assim isolado, de haikai.

Pensava-se em princípio, que todo hokku fosse destinado a ser integrado no longo haikai. Uma longa tradição de antologias devotadas exclusivamente ao hokku, iniciada postumamente com Sogi (1421-1502) em seu Jinensai Hokku (1506) chega a Kokin meika kusen (1776) da escola Bashô, indicação da tendência natural do hokku para tornar seu caráter de poesia independente.

As estrofes alternadas compreendem as tradicionais duas partes do waka (poesia do Japão, japonesa) ou tanka: a unidade superior (kami no ku) em três versos de sons japoneses (5-7-5) e a inferior (shimo no ku) numa dupla de sete sons japoneses (7-7).

Devemos aqui lembrar a estrutura da língua portuguesa, ou seja, é mera arbitrariedade convencionar, estabelecer sílabas poéticas, ou gramaticais, como, aliás, alguns autores tentaram também fazer seus tercetos independentes.

Nos concursos, tais normas podem eliminar indiscriminadamente haicus de qualidade – e sua eleição deveria ser efetuada por uma única pessoa.

Das estrofes do haikai encadeado não só surgiu nosso denominado terceto haikai, que o fazemos muitas vezes – geralmente não sendo o hokku (cujo conteúdo foi explicado na página anterior), terceto aquele sem novidade para seu conteúdo; mas também o zappai (termo genérico de formas de poesia cômica surgidas durante a era Edo).

O haicai, que se tornara modelo de arte, graças a Matsuo Munefusa (1644-1694), pseudônimo Bashô, sofreu decadência após sua morte, tornando-se virtualmente indistinguível do zappai e do senriu, forma de verso popular em voga no período Genroku (1688-1704), e só veio a se reabilitar na metade do século XVIII.

Buson (1716-1784) chegou mesmo a lamentar essa decadência: passaram a ser mais enigmas do que hocu.

O H A I C U N O B R A S I L

Apesar de Masaoka Shiki (1867-1902) ter batizado o hocu (primeiro terceto do haicai) de haicu (hai de haicai; cu de hocu), é bem provável que houve, no Brasil, inúmeras traduções cuja imensa maioria não foi o hocu... Censurados ambos nomes? Lembremos cou, pescoço, em francês!

Daí a seqüência inevitável de nós brasileiros, desenvolvermos, até hoje, baseados nessa maioria, que não são mais do que tercetos que sempre fizemos, à moda ocidental, ou seja, um texto explicado, opinativo, fechado, etc.

Para encurtar a palavra terceto, passo daqui por diante a chamá-lo de trevo. O haicu, verificamos que, apesar de até hoje entendermos seu conteúdo, não conseguimos fazê-lo, e continuamente o desfiguramos. O haicu se faz no presente, aqui e agora; seu texto marca a estação do momento: deve conter o corte, que separa a frase de outra com o ponto, o travessão, etc.

Bashô nos dá um belo exemplo, onde temos o quigo rã, palavra da estação primavera, que nos dá o quidai, tema sazonal do haicu; o corte (nem tão distante, nem tão próximo do texto anterior):

Velho tanque,
uma rã salta.

Barulho de água.

Davi Cooler nos dá muitos NÃOS para alcançarmos a feitura de um haicu límpido, livre de quaisquer impurezas!

- 01 – Não tente ser ou parecer inteligente, nem espirituoso, nos haicus.
- 02 – Não use muitas palavras, senão o poema perderá em nitidez.
- 03 – Não use poucas palavras, senão ficará obscuro.
- 04 – Não seja escravo da métrica, mas tente usar 17 sílabas ou menos.
- 05 – Não faça filosofia – nenhum processo de pensamento lógico pode ser exibido.

- 06 – Não compare uma coisa com outra.
- 07 – Não fale de qualquer coisa ou fato como se tivessem um significado maior do que realmente tem.
- 08 – Não tente causar surpresa ou impressionar com uma frase de efeito (punchline).
- 09 – Não deixe de usar palavras de uso comum, necessárias ao bom entendimento do haicu.
- 10 – Não pregue religião, crenças, moral ou ética.
- 11 – Não use rimas finais nem internas nos versos.
- 12 – Não use efeitos sonoros pela repetição de determinados sons.
- 13 – Não compile nem use listas de palavras (quigo), do tema sazonal quidai, mas tente indicar a estação do ano em que se criou o haicu, mencionando-a ou de forma indireta, sugerindo-a com clareza.
- 14 – Evite colocar seu ego no haicu; evite o uso de eu, me e meu.
- 15 – Leia haicus clássicos e observe os que causam efeito poético, os que não causam, e aprenda de ambos.
- 16 – Evite assuntos inapropriados para o haicu, como romance, sexo, catástrofes, crimes, etc. Haicu é expressão de coisas simples com palavras simples.
- 17 – Não dê características humanas para objetos inanimados (ou fenômenos da natureza) ou para outras criaturas vivas.
- 18 – O haicu deve transmitir sensações genuínas, sem produzir efeitos calculados.
- 19 – O haicu deve versar sobre a natureza, não sobre abstrações.
- 20 – Não caia no equívoco de pensar que poemas insólitos ou experimentais sejam haicus, apenas por terem sua métrica ou disposição dos versos semelhantes às do haicu.

Tais padrões, Cooler pondera ser usados como instrumento para orientação. Opino que a quebra de quaisquer deles, enfraquecerá sobremaneira seu haicu.

Alerta, como Bashô, que o bom artista deve conhecer as regras de sua arte antes de resolver usá-la ou quebrá-las, para não ser apenas naif (sem arte nem afetação).

Em 1919, Afrânio Peixoto (1876-1949) publicou *Trovas Brasileiras Populares, Popularizadas*. Em seu prefácio, traduzidos, cinco belos tercetos do haikai. Provavelmente um soa trevo haicu, de Teika (1162-1241):

Persegue implacável
as pétalas de cereja
forte tempestade.

Conforme itens 14, 17, 18, 19, de Cooler, o tradutor deve ter transgredido alguns destes em seu texto!

Embora “facilite” mais o leitor, ao trevo haicu desagrada adjetivos, além de a tempestade tenha ficado com características humanas; e a palavra implacável, deixa também o leitor de lado; não lhe permite imaginar a sua tempestade, a sua experiência, a sua surpresa, o seu eureka! Serve mais para o ego e a métrica do autor-tradutor.

O haicu não admite enchimento de lingüiça como a trova:

Pétalas de cereja
levadas pela ventania.
Tempestade.

Aqui, tentamos o corte, dispensamos “perseguição” e “forte”, deixando um texto aberto para o leitor complementá-lo à sua maneira (à maneira dele).

Em *O Haikai*, de 1975, Oldegar Franco Vieira, declara estudá-lo desde 1933. Em 1981, Waldomiro Siqueira Júnior, em seu livreto *420 Haicais*, declara que o haikai já era razoavelmente conhecido por volta de 1926, graças ao livro do lisboeta Wenceslau de Moraes e cita também Gil Nunes Maia como pioneiro do haikai, antes de 1932.

Guilherme de Almeida, nosso admirável poeta, provavelmente desconhecendo o haicu – e o porquê de seu nome, muito embora, à época, o haicu já existisse como trevo ou terceto isolado, e já batizado por Shiki em 1892, fez o haikai rimado; rimas novas em se tratando de tercetos isolados 5-7-5. É um desafio que poucos entretam com sucesso nos trevos à moda ocidental.

Ainda atualmente, muitos dos que se dizem haicaiístas, pensando dizerem-se haicuístas, insistem, por desconhecimento, em fazer o haicu ao modo ocidental, isto é, como se fizessem trovas ou quadras, em três versos. Os nomes passados e atuais, merecida mente famosos e respeitados, influenciam, infelizmente, esse comportamento. E os denomino, tais hacais ou haicus, de trevos à moda ocidental, isto é, ausência de conteúdo haicu.

Como em toda regra há exceção, eis um raro exemplo de felizes traduções de hocus de Bashô apresentado por meu bom e saudoso Hidekazu Masuda, mestre Goga, feito pelo Monsenhor Primo Vieira (Bashô, Palhas de Arroz, Edição 1994, Massao Ohno Editor), graças a sua fidelidade e à colaboração de Da. Seika Kizawa, que em primeira leitura traduziu literalmente, palavra por palavra, o poema em sua forma original:

Primavera

Murchando e caindo,
entorna a água de dentro
a flor da camélia.

Verão

Nuvens de verão.
No porto, vindos de longe,
ecos de artilharia.

Outono

Mar enfurecido
por sobre a Ilha de Sado
paira a Via-Láctea.

Inverno

Brasas na lareira
projeta-se na parede
a sombra do hóspede.

RECAPITULANDO

Apesar de, naturalmente o haicu, diferente da trova, só possa buscar seus exemplos na sua fonte original – os poetas japoneses – podemos dizer que o haicu precisa agora, é ser conhecido como ele é.

Lembremos sempre que tais traduções são raramente feitas por haicuísta (aquele que sabe do que realmente se trata). Isto sem, de longe, considerarmos as dificuldades da língua...

Poema curto, o haicu, não ocupa muito espaço, facilitando os meios de comunicação. O haicu é o supra-sumo da brevidade. E, para o ser, realmente, a contagem silábica geralmente desfigura-o e o debilita.

Quanto à rima, coisa difícil entre nós é evitar fazer rimar. Sendo o haicu, objetivo, o ideal é obedecer às regras da gramática da nossa língua.

Outra realidade atual: quase não há condição para procurarmos, hoje em dia. Locais para ver, sentir e fazer o que a natureza nos oferece. Portanto, elaborar um texto aqui e agora, de alguma vivência do passado, de nossas lembranças, é válida, desde que façamos como acontecida no momento, como foto descrita sem interferência.

Sendo raras as oportunidades hoje em dia de sentirmos a Natureza, infelizmente, teremos que recorrer a fotografias, filmes, dicionários e, mesmo, a quem tenha ainda ou tenha tido a experiência que não tivemos e no-las conte.

O autor deve expressar coisas simples com palavras simples, aqui e agora.

A elaboração do poema com idéias pré-concebidas, e visando um fecho (princípios da trova!), para o poema haicu, – empobrece-o, quando não o elimina! Por outro lado, termos hoje o disponível para falar do que não conhecíamos, é sem dúvida, um substituto às viagens de Bashô, quase impossíveis em nossos dias.

Pior ainda se nele colocarmos pensamentos lógicos, filosofia. Explicar ou opinar, transforma o trevo ou o terceto num texto à moda ocidental... O haicu é fácil de entender, e difícil de o fazer, mormente sem o nosso ego! O autor precisa ter em sua mente, de forma clara, que será o leitor e não, ele, o autor, quem opinará ou explicará o que encontrar no seu texto, isto é, trova... de três versos! Lembremos, segundo Luiz Otávio (1916-1977), que a “trova, é uma composição poética de quatro versos sete silábicos, rimando, pelo menos, o segundo com o quarto, e tendo um sentido completo”. Nos concursos exige-se também rimar o primeiro com o terceiro, e outras variedades são encontradas em Versos Sencillos, de José Julián Martí (28.01.1853-19.05.1895).

Quando empregamos quaisquer sentimentos ou diminutivos, criancices, o autor fará trovas... De três versos!

Ao fazer um haicu, pois, esforce-se para deixar de lado seu ego – isso, aliás, é muito importante e, como já dito e não custa repetir, muito dificultoso para nós...

Embora haja dificuldades de evitarmos os efeitos, saibamos, desde já, quanto mais nossas sensações forem genuínas, mais honesto nosso trabalho.

No trevo haicu, a palavra da sazão, uma única, determinará a estação do ano. Em outras palavras, um só quigo nomeia a sazão, – nada de redundância.

O que não podemos, não devemos, ao tentar o 5-7-5, é submetermo-nos, na maioria das vezes, a enchermos o texto de palavras dispensáveis, por vezes até excluindo as necessárias, para falarmos sobre... O óbvio!

Verbos como ser, parecer, p.e., não existem em fotografias (existe, sim, nossa intromissão na foto!)

Enfeitar com termos poéticos, deixa também de ser uma narrativa de algo acontecendo aqui e agora, onde não cabe nenhuma nossa opinião ou observação.

Uma pontuação incorreta, ou omissa, gera uma pintura de próprio punho e, não, fotografia ou filme.

Assim também pensamentos e tropos apresentam somente o ego do autor e não um trevo haicu que se preze.

Lembramos também que fotografia não tem interrogação ou admiração ou reticências... O autor simplesmente – narra, descreve – o que está vendo.

O texto não deve ser derivado de uma câmara fotográfica onipotente, toda revestida de plurais ou abstrações e, muito menos, exagero, mas sim – o que, objetivamente, é visto.

Diferente da trova, o trevo haicu é aberto, o autor deixa para o leitor completá-lo.

Trova

Se Agosto é mês de desgosto,
então me dê seus porquês,
pois nesse mês fica exposto
todo o florir dos ipês!

Haicu

Floridos
galhos desfolhados –
o ipê.

É claro, evitemos e dispensemos o óbvio.

Sugerir, não determinar; fazer chegar à mente do leitor. Muito menos falar tudo por tudo.

Ponha a verdade no seu haicu através de suas experiências concretas.

Não dê características humanas para o que abordar.

Descreva como um filme ou foto, aqui e agora, sem retoques.

Tente sempre o corte. E não esqueça, não existe título no haicu.

Manolo, Primavera de 2017.

fernandesmenendez@gmail.com